



É dessa forma que a Rússia classifica as relações diplomáticas com os Estados Unidos, depois das declarações do americano Joe Biden, que, recentemente, chamou Vladimir Putin de "assassino ditador" e "bandido" pela invasão à Ucrânia

"À beira da ruptura"

AFP / POOL / DENIS BALIBOUSE

Em um sinal de agravamento da crise diplomática entre Estados Unidos e Rússia, o governo de Vladimir Putin anunciou, ontem, ter chamado o embaixador americano em Moscou, John Sullivan, para protestar contra comentários "inaceitáveis" do presidente Joe Biden. Na semana passada, o chefe da Casa Branca chamou o líder russo de "criminoso de guerra", "assassino ditador" e "bandido" ao ser perguntado a respeito da invasão à Ucrânia.

"Esse tipo de declaração do presidente americano, que não é digna de um político de alto escalão, pôs as relações russo-americanas à beira da ruptura", ressaltou o ministro russo das Relações Exteriores, em um comunicado. O governo dos EUA não quis comentar sobre o risco de rompimento nas relações diplomáticas entre os dois países.

Segundo a nota da chancelaria russa, Sullivan recebeu uma carta formal de protesto, que faz um alerta ao governo dos EUA: "as ações hostis contra a Rússia receberão uma resposta firme e decisiva".

O informe assinalou ainda que os representantes da chancelaria russa confrontaram Sullivan sobre o funcionamento normal das missões diplomáticas russas nos EUA, incluindo garantias de atividade ininterrupta.

Provas

No mesmo dia das declarações de Biden, o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, havia denunciado que as palavras do presidente dos EUA faziam parte de uma retórica "inaceitável e imperdoável". Ontem, o porta-voz do Departamento de Estado americano, Ned Price, reafirmou que Washington via "provas claras" de que os russos "intencionalmente tem os civis como alvo e realizam ataques cegos".

"Os comentários do presidente Biden da semana passada se



Putin (E) e Biden apertam aos mãos no primeiro encontro após a posse do americano: tempos de sorrisos ficaram para trás

referem ao horror da brutalidade da Rússia contra um vizinho inocente", assinalou. Price ressaltou a relevância do diálogo entre Washington e Moscou, com embaixadas em ambos, "sobretudo durante esses tempos de tensão". "Pensamos que é importante manter canais de comunicação com a Rússia", frisou.

Nesse cenário de forte instabilidade nas relações com Putin, Biden participou ontem de um encontro virtual com o primeiro-ministro da Itália, Mario Draghi; o presidente francês, Emmanuel Macron, o chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, e o premiê britânico, Boris Johnson, para discutir uma resposta

coordenada à invasão da Ucrânia.

Foi o primeiro compromisso de uma semana de intensa e crucial atividade diplomática para Biden, que desembarca amanhã na Europa. No dia seguinte, ele participa da cúpula extraordinária da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), em Bruxelas. Também haverá uma reunião da União Europeia para a qual está convidado.

De Bruxelas, Biden viajará, na sexta-feira e no sábado, para a Polônia, onde chegam centenas de milhares de refugiados ucranianos. Sua agenda prevê apenas uma reunião com o presidente Andrzej Duda, o que alimenta as especulações sobre

outro compromisso do presidente americano — a Casa Branca descarta uma viagem à Ucrânia.

Ataques cibernéticos

Em Washington, Joe Biden pediu, ontem, às empresas que se protejam de possíveis ataques cibernéticos realizados pela Rússia em resposta às sanções ocidentais impostas a Moscou pela sua ofensiva na Ucrânia. "Meu governo reitera essas advertências se baseando nos dados dos serviços de inteligência em constante evolução, segundo os quais o Estado russo analisa diferentes formas de possíveis ciberataques", escreveu o

presidente em um comunicado divulgado pela Casa Branca.

Os ataques cibernéticos entram no "manual de estratégia" do Estado russo, insiste Biden. "É crucial acelerar o reforço da nossa segurança cibernética interna", alertou.

Segundo a Casa Branca, os ataques podem ser direcionados contra infraestruturas essenciais, muitas delas em mãos do setor privado. "Ainda temos muito a fazer para garantir que fechamos todas as portas de entrada digitais, especialmente a dos serviços de capital dos quais os americanos dependem", afirmou Anne Neuberger, funcionária encarregada da segurança para a tecnologia cibernética.

Recursos dobrados

Os ministros europeus das Relações Exteriores chegaram a um acordo político para contribuir com 500 milhões de euros adicionais (cerca de R\$ 2,7 bilhões), dobrando, assim, seu fundo de auxílio material à Ucrânia. A União Europeia (UE) já havia aprovado o uso de 500 milhões de euros do Fundo Europeu de Apoio à Paz para a compra e entrega de armas e equipamentos médicos aos ucranianos. Há duas semanas em Versalhes (França), o chefe da diplomacia europeia, Josep Borrell, propôs que o valor fosse incrementado, totalizando um bilhão de euros.

A utilização desses valores exige a unanimidade dos países da UE, embora os membros do bloco tenham a possibilidade de se abster na tomada de decisões, a fim de evitar o bloqueio da ajuda. Os recursos são usados para reembolsar os países da UE pela ajuda militar concedida a Kiev usando suas próprias reservas de material de guerra. O governo ucraniano apresentou à UE pedidos muito detalhados do equipamento militar necessário para lidar com a ofensiva russa.

Os chanceleres também discutiram a crescente pressão para que o bloco adote sanções que afetem as exportações de energia da Rússia devido à invasão da Ucrânia, embora no momento sem um acordo substantivo. "Não foi um dia para tomar decisões, e nenhuma decisão foi tomada, mas esta e outras medidas foram objeto de análise pelos ministros", disse Borrell.

CHINA

Queda de Boeing em montanha intriga especialistas

Uma aeronave da companhia China Eastern Airlines, com 132 pessoas a bordo, caiu, ontem, quando sobrevoava a cidade chinesa de Wuzhou, na região montanhosa de Guangxi, sudoeste do país. A queda foi brutal. O Boeing 737-800 despencou de uma altitude de 8,9 mil metros para mil metros em três minutos.

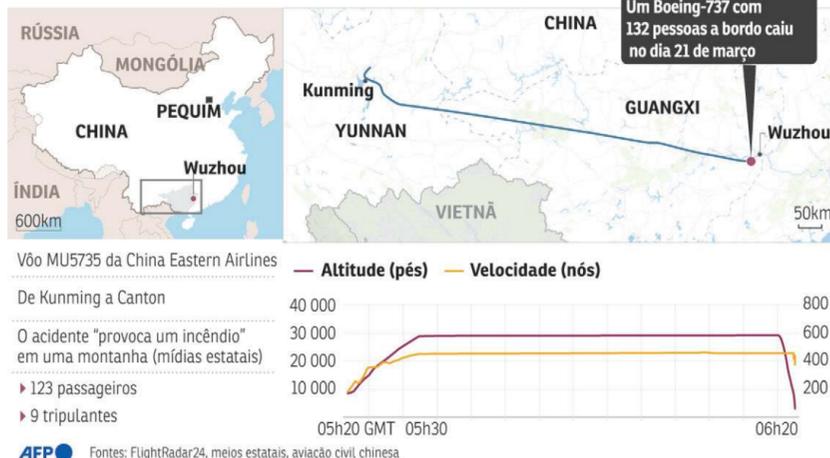
Até o fechamento desta edição, não havia um número de mortos, mas parecia improvável que alguém tivesse escapado com vida. Especialistas, que se mostraram intrigados com as circunstâncias do acidente, consideram que pode ser a tragédia aérea mais mortal no país desde 1994. Em um comunicado, a China Eastern Airlines "prestou homenagem" às vítimas.

O voo MU5735, que partiu de Kunming com destino à metrópole de Guangzhou, estava programado para durar uma hora e quarenta minutos, durante os quais a aeronave, com quase sete anos, percorreria 1.357 quilômetros.

De acordo com dados do portal de rastreamento de voo FlightRadar24, o avião estava voando às 14h19 (horário local) a uma altitude de 29.100 pés (8.870 metros) quando começou a declinar, cerca de 55 quilômetros a oeste da cidade de Wuzhou.

Imagens compartilhadas por internautas chineses mostraram

Circunstâncias misteriosas



uma encosta densamente arborizada em chamas, enquanto explosões soavam, mas a localização da filmagem não era clara. O impacto causou incêndio no condado de Teng da cidade de Wuzhou, em Guangxi. Um vídeo divulgado pela mídia chinesa mostra um avião caindo verticalmente.

O presidente chinês, Xi Jinping, declarou estar "comovido" e pediu uma investigação para que "sejam determinadas as causas do acidente o quanto

antes". Dos Estados Unidos, a Boeing informou que está tentando "reunir mais informações".

O acidente surpreendeu especialistas. Nos últimos anos, a China manteve bons padrões de segurança da aviação, em um país repleto de aeroportos recém-reconstruídos e coberto por novas companhias aéreas estabelecidas para atender ao crescimento vertiginoso do país nas últimas décadas. O último grande desastre aéreo no país ocorreu

em agosto de 2010, com um saldo não confirmado de 42 vítimas.

Pelas informações inicialmente colhidas, o piloto, em meio à queda drástica do Boeing, chegou a recuperar um mínimo de altitude, por alguns segundos, antes do declínio total. Essa situação mostra, segundo o ex-piloto Michel Treskin, do site Aerotime, "que houve algum controle" sobre o avião. "Parece que alguém tentou tirar a aeronave do mergulho", afirmou ao portal.



Parentes de passageiros no aeroporto de Guangzhou

Resgate

O acidente mobilizou a população da área rural de Wuzhou. "Todos os moradores tomaram a iniciativa de ajudar no resgate. Todos foram para a montanha", disse à AFP, por telefone, o comerciante Tang Min, que mora a cerca de 4km do local do acidente.

Um morador da área disse a um site de notícias local que o avião envolvido no acidente estava "completamente

destruído" e que viu áreas florestais próximas destruídas pelo fogo causado pela queda na encosta da montanha.

De acordo com a agência financeira Yicai, a China Eastern decidiu suspender todos os seus 737-800 a partir de hoje, sem esperar pelos resultados da investigação. No aeroporto de Guangzhou, parentes dos passageiros, alguns em lágrimas, se reuniram em uma sala de espera especial.